

A MODALIDADE EXPRESSA POR MEIO DO USO DO MODO SUBJUNTIVO NA LÍNGUA INGLESA E SUA OCORRÊNCIA NA MÍDIA AMERICANA IMPRESSA

Fernanda Teixeira Avelar

Luciano Tomaz¹

RESUMO

Esta pesquisa pretende discutir conceitos e noções relacionados à modalidade e ao uso do subjuntivo na língua inglesa. Para isso, este trabalho analisa dados empíricos da língua escrita em uso, particularmente relacionados ao modo subjuntivo em textos de mídia americana impressa. Essa pesquisa não visa, portanto, analisar dados da língua inglesa oral ou pretende ter caráter diacrônico. Com base nos exemplos de subjuntivos observados por meio da análise de um *corpus*, foi estabelecida uma comparação entre esses elementos e as descrições feitas por gramáticos acerca do uso do subjuntivo no inglês. Os resultados sugerem que o subjuntivo é extensivamente usado nos textos analisados, contrariando o caráter incomum do modo verbal como usualmente descrito nas gramáticas de referência.

Palavras-chave: Língua inglesa em uso, modalidade, *realis*, *irrealis*, subjuntivo.

1 PANORAMA GERAL DA PESQUISA

Este artigo cobrirá, principalmente, as expressões de modalidade realizadas através do subjuntivo na língua inglesa, por meio de dados empíricos que mostram o uso dessas formas na mídia impressa americana. Para isso, a metodologia da

¹ Graduandos em Letras pela Faculdade de Letras da UFMG. Esta pesquisa foi orientada pela Profª. Drª. Ana Larissa A. M. Oliveira (FALE-UFMG) e foi desenvolvida no âmbito do Projeto “Síntaxe da língua inglesa em uso: aspectos descritivos/ comparativos com a língua portuguesa”. E-mail: fe2509@hotmail.com

presente pesquisa consiste na investigação dos conceitos acerca de modalidade e do modo subjuntivo e a ocorrência desse na mídia impressa americana na atualidade, utilizando as ferramentas disponíveis no COCA (Corpus de Inglês Americano Contemporâneo). Foram analisados, especificamente, os seguintes jornais americanos: *The New York Times* e *Washington Post* para que seja realizada uma sondagem detalhada do uso desse modo em reportagens de diferentes tipos, feitas por diferentes jornalistas.

2 MODALIDADE

A modalidade é uma categoria gramatical extensa e múltipla, por meio da qual o falante expressa atitude. O conceito de modalidade precisa, primeiramente, ser discutido com base em dois outros conceitos importantes. Esses conceitos são: *realis* e *irrealis* (PALMER, 2001). Eles são usados na descrição de eventos e, por isso, estão relacionados ao que refere à percepção da realidade, razão pela qual esses conceitos são considerados noções essenciais para a compreensão acerca de modalidade, modo e o subjuntivo.

Acerca do aspecto “realidade”, Palmer (2006) afirma que o conceito de *realis* retrata situações como reais, ocorridas ou acontecendo realmente, que se conhece através de percepção. Já o conceito de *irrealis* retrata situações como puramente pertencendo ao campo do pensamento, do conhecido, do imaginado. Downing e Locke (2006) levam em consideração as mesmas idéias para discutir *realis* e *irrealis*. Segundo eles, há o aspecto *potencial (realis)*, ligado a um evento que realmente ocorre ou ocorreu, e o aspecto *eventivo (irrealis)*, que corresponde a um evento que não ocorreu ainda ou que talvez não ocorrerá.

Ilustrando essa distinção entre *realis* e *irrealis*, podemos notar que os seguintes exemplos expressam noções diferentes com relação ao mesmo evento descrito:

1. “Chris is at home.” (“Chris está em casa.”)
2. “Chris may be at home.” (“Chris pode estar em casa.”)

Somos capazes, portanto, de perceber que o primeiro exemplo está afirmando algo acerca da realidade concreta. Já o segundo, não carrega essa ideia de assertividade. O evento expressa, assim, uma possibilidade.

Em algumas línguas, *realis* e *irrealis* são gramaticalmente marcados pelo indicativo e pelo subjuntivo, respectivamente. Especialmente em Inglês, os termos “indicativo” e “subjuntivo” são usados principalmente para se referir a *realis* e *irrealis*. Desse modo, podemos dizer que o subjuntivo é considerado uma marca de *irrealis* e que é binária a diferença entre *realis* e *irrealis* na Língua Inglesa, assim como ocorre entre o indicativo e subjuntivo.

O conceito de *irrealis* está, pois, relacionado a modo e a modalidade, já que essas noções descrevem um evento e a proposição relacionada a ele, ou seja, eles demonstram exatamente a noção de não assertividade do conceito de *irrealis*. Em outras palavras, e de uma maneira geral, as noções de modo e modalidade não descrevem a realidade, mas estão associadas a ela, cada qual com a sua função. Ao considerarmos modalidade, esta pode ser entendida como uma categoria gramatical que, de acordo com Downing e Locke (2006) expressa uma relação com a realidade e cobre noções como possibilidade, necessidade, probabilidade, vontade, obrigação e permissão. Assim, a modalidade pode estar ligada a significados lógicos básicos, a partir dos quais são gerados três tipos de modalidade: modalidade epistêmica, deontica e dinâmica. A modalidade epistêmica engloba os vários graus de certeza ou incerteza sobre fatos e por isso está relacionada às limitações do conhecimento do falante sobre esses mesmos fatos. Consequentemente, ela expressa significados relacionados a inferência, previsão, expectativa e probabilidade (BIBER, 1999; DOWNING; LOCKE, 2006).

Exemplos de modalidade epistêmica são ilustrados abaixo, nos exemplos abaixo:

3. "It might snow this week." ("Pode nevar essa semana").

4. "I suppose she did it by herself." ("Eu suponho que ela tenha o feito sozinha.")

A modalidade deôntica, por outro lado, expressa sentidos relacionados à permissão e obrigação de todo e qualquer tipo. Ela está, portanto, frequentemente associada à autoridade e julgamento, e não a conhecimento ou previsão, como acontece com a modalidade epistêmica. Devido a essa característica, a modalidade deôntica é um recurso de linguagem que pode ser usado para influenciar pessoas a fazer ou não fazer coisas, enquanto a modalidade epistêmica é usada para prever o que os falantes pensam que seja provável acontecer, como pode ser inferido no exemplo criado abaixo, de modalidade deôntica:

5. "She must do the exercises." ("Ela tem que fazer os exercícios.")

Apesar do conceito de modalidade estar centralmente relacionado às noções epistêmica ou deôntica, há algumas outras noções associadas com ele que possuem uma função mais periférica e são agrupadas sob a idéia de modalidade dinâmica. Os sentidos de modalidade dinâmica podem ser descritos como o de habilidade e coragem (DOWNING; LOCKE, 2006). Esses sentidos são geralmente expressos por meio de verbos modais como: *can*, *will* e por semi-modais como: *dare*. As ilustrações criadas abaixo exemplificam isso:

6. "I can speak French." ("Eu posso falar Francês.")

7. "I daren't say this." ("Eu não ousa dizer isso.")

Desse modo, como se procurou descrever até aqui, a idéia de modalidade cobre uma área semântica extensa e ela pode ser expressa de diversas maneiras, entre elas, principalmente, por meio dos verbos modais (*must*, *can*, *might*, *may*), como nos mostram os exemplos também criados:

8. "She must do the homework." ("Ela deve fazer o para-casa.")

9. "It may rain tomorrow." ("Pode chover amanhã.")

Além do sistema modal, as outras maneiras de se expressar modalidade são (DOWNING; LOCKE, 2006):

- Auxiliares léxico-modais, compostos de *be* ou *have* e o infinitivo (*be bound to, have got to, be likely to* etc.).
- Os semi-modais, *need* e *dare*.
- Verbos lexicais como: *allow, beg, command, forbid, guarantee, guess, suggest, promise, warn*.
- Verbos que se referem ao que não é fato, como: *wish* e *wonder*.
- Advérbios modais como: *probably, possibly, certainly, hopefully, thankfully, obviously*.
- Adjetivos modais como: *possible, probable, likely*, usados em construções impessoais como: *He is likely to win*, ou como parte de um grupo nominal, como: *A likely winner of this afternoon race*.
- Substantivos modais como: *possibility, probability, chance, likelihood*.
- Uso do passado para indicar distância da realidade, como: *I'd thought I'd go along with you, if you don't mind*, ou em condicionais, como: *If you went, I would go too*.
- Parentéticos como: *I think, I guess*.

3 MODO

O conceito de modo também está relacionado à “percepção de realidade”, assim como modalidade, contudo, é mais especificamente associado com a morfologia verbal. Modo é o sistema que codifica, na gramática, os atos comunicativos como declarações, ações, exclamações (DOWNING; LOCKE, 2006),

pelo qual a modalidade é expressa. Assim, o modo é caracterizado pela inflexão morfológica do sintagma verbal. Logo, podemos dizer que existem três tipos de modo: indicativo, imperativo, subjuntivo. O primeiro é usado para marcar o significado de *realis*, expressando certeza, assertividade. O segundo e o terceiro são responsáveis por expressar a ideia de *irrealis*, ou seja, expectativas, desejos, possibilidade ou obrigação e ordem, como pode ser verificado nos exemplos abaixo:

10. “She is at home.” (“Ela está em casa.”)
11. “Stay home.” (“Fique em casa.”)
12. “I demand you stay home.” (“Eu ordeno que ela fique em casa.”)

Uma vez que a sentença 10 é assertiva, podemos afirmar que ela exemplifica o indicativo e por isso, expressa o sentido de *realis*. A segunda (11) é uma ordem, um comando, e devido a isso, carrega o modo imperativo e assim expressa, o que, espera-se, seja feito pelo ouvinte, ou seja, expressa *irrealis*. O exemplo 12, não é constituído por uma ordem direta, no entanto, ele também indica algo desejado de ser alcançado, uma ordem e, portanto, expressa *irrealis*.

O modo subjuntivo no exemplo 1, acima, é, geralmente, uma indicação morfológica da ideia de *irrealis* e, às vezes, ele representa simplesmente uma oração subordinada, já que esse é tipicamente o modo utilizado em orações desse tipo. De acordo com essa ideia, é importante observar que, “subjuntivo” é uma tradução do Grego Clássico *hipotaktiké*, que significa literalmente “subordinado” (PALMER, 2001).

Já que o modo subjuntivo é utilizado para comunicar fatos irrealis, ou seja, ações ou eventos não realizados, ele está relacionado a vontades, esperanças, desejos, anseios e situações hipotéticas. Sua principal característica é a forma pela qual o verbo é expresso na sua forma base (*finite*) para todas as pessoas e sem desinências. Nesse caso, por exemplo, se o sujeito está na terceira pessoa, seu verbo não terá a desinência de terceira pessoa {-s} e a forma *be* estará no infinitivo

(BERK, 1999). Essas formas especiais existiam especificamente para comunicar fatos irrealis e são vestígios do antigo sistema subjuntivo da língua inglesa. Berk (1999) distingue três tipos de subjuntivo: formulaico, volitivo e mandativo.

O primeiro ocorre em orações independentes ou como expressões fixas ou fossilizadas (DOWNING; LOCKE, 2006). O subjuntivo formulaico é comum em antigos provérbios e em liturgias religiosas, tais como as expressões fixas do tipo *God bless you* (*Deus te abençõe*) e *God be with you* (*Deus esteja com você*). Aprendido como fragmentos completos, o subjuntivo formulaico não é a afirmação de um fato, mas sim um desejo por parte do falante (BERK, 1999).

O segundo tipo de subjuntivo é o volitivo. Sua principal característica é o uso do *were* com a primeira e terceira pessoa do singular, sendo isso também uma reminiscência do antigo sistema subjuntivo (BERK, 1999). O subjuntivo volitivo também pode ser referido como hipotético *were*, como no exemplo: *If there were any reason to doubt his word, we would ask him to resign* (*Se houvesse qualquer razão para duvidar de sua palavra, nós o pediríamos para se resignar*). Nesse caso, ele ocorre normalmente após certas conjunções em orações subordinadas condicionais ou concessivas como: *if, as if, though, as though, lest, on condition that, whether*, como no exemplo: *I can remember it as if it were yesterday* (*Eu me lembro como se fosse ontem*), (CARTER; MCCARTHY, 2006). O verbo *to be* é o único que tem uma marcação distinta entre o presente e o passado do subjuntivo. É importante mencionar também outro tipo de subjuntivo chamado futuro hipotético, o qual usa a forma verbal *were* e *to -infinitivo* logo após. Esse futuro hipotético ocorre após as mesmas estruturas que o *were* hipotético (*I'd hate it if anything were to happen to them*).

O último tipo e, de longe, o mais frequente subjuntivo na língua inglesa, é o mandativo. Nesse caso, o verbo da oração principal requer o subjuntivo na oração subordinada como seu complemento, transmitindo um significado deôntico (HUDDLESTON; PULLUM, 2005), como nos exemplos, a seguir:

13. “The Head of Security has demanded that the guard resign.” (“O chefe da segurança exigiu que o guarda resigne.”)

14. “I insist that she do these things herself.” (“Eu insisto que ela mesma faça as coisas.”)

Indo adiante com a noção de *irrealis* e, conseqüentemente, de não assertividade, o subjuntivo em Inglês caracteriza-se por aparecer principalmente em três grandes construções:

- Sentenças condicionais. Exemplo: *If I were beautiful.* (Se eu fosse bonita.)
- Forma simples. Exemplo: *I expect that he study English.* (Eu espero que ele estude Inglês.)
- Estrutura coma presença de *should*. Exemplo: *It is nice that you should do that.* (É legal que você faça isso.)

Subtipos de subjuntivo também ocorrem em construções específicas, tais como: após adjetivos que complementam verbos como *consider*, *deem*, e *find*; depois de *would rather* dentro de uma oração contendo um sujeito diferente, expressando que uma situação é preferível a outra; e após expressões de necessidade como *It is important/essential/imperative that* (CARTER; MCCARTHY, 2006), como nos seguintes exemplos:

15. “It is important that Obama use his political capital and go for something big.” (“É importante que o Obama use o capital político dele e faça algo grande.”)

16. “It is imperative that our government provide the financial support necessary to maintain our tidal estuaries.” (“É imperativo que o nosso governo forneça o apoio financeiro necessário para manter nossos estuários de maré.”)

O subjuntivo negativo tem uma estrutura diferente quando comparado com o indicativo negativo, o qual ocorre com a partícula *not* e um auxiliar antes do verbo. Em construções não factuais, a partícula sem auxiliar precede a forma base

do verbo com a oração subjuntiva possuindo um diferente sujeito (CARTER; MCCARTHY, 2006). Exemplos:

17. “Her father had had a slight stroke and the doctors recommended that he not travel.” (“O pai dela teve um derrame leve e os médicos recomendaram que ele não viaje.”)
18. “She had insisted that he not call her at home and there was no other number he could try. (“Ela insistiu que ele não ligue para ela em casa e não havia outro número que ele pudesse tentar.”)

Apesar de suas características bem específicas, e de possuir várias possibilidades de uso, as quais demonstram, inclusive, seu dinamismo, o subjuntivo é descrito em algumas gramáticas como uma forma já virtualmente extinta, que foi substituída pelo sistema de verbos modais no Inglês (PALMER, 2001), ou como uma raridade que ocorre somente em estilos literários formais (CARTER; MCCARTHY, 2006), ou ainda que, embora enfraquecido, é utilizado apenas por pessoas instruídas (BERK, 1999).

No entanto, a presente pesquisa trouxe dados empíricos do uso da língua inglesa escrita que nos permitem questionar a veracidade das afirmações nas gramáticas citadas. Todas as ocorrências analisadas foram encontradas na mídia impressa americana, ou seja, um meio de comunicação que não se caracteriza como muito formal e produzido nos dias atuais. Isso indica que o subjuntivo vem sendo utilizado com frequência na mídia escrita americana, que por sua vez, é destinada a pessoas de diversas classes sociais, não se restringindo a pessoas instruídas, ou de elevado nível de letramento, como é o caso de artigos acadêmicos e técnicos.

4 METODOLOGIA DE ESTUDO

Por meio da análise de um *corpus*, foram examinadas listas de frequência, linhas de concordância e grupos lexicais da mídia impressa americana, utilizando

o COCA (Corpus de Inglês Americano Contemporâneo). Contendo cerca de 25 milhões de palavras (1990-2012), esse corpus, foi escolhido por se tratar de um software livre, on-line e de fácil acesso. Dentre os vários jornais disponíveis, o foco se deteve prioritariamente no *The New York times* e *Washington Post* e, portanto, não inclui dados da língua oral.

Devida à grande complexidade e à amplitude de ocorrências do modo subjuntivo na mídia impressa americana, se fez necessário optar, nessa pesquisa, por apenas um tipo de construção sintática, aquela em que um verbo transitivo direto é complementado por uma *that-clause*.

Na língua inglesa, muitos verbos são complementados por objetos diretos realizados por *that-clauses*, contendo um verbo no modo subjuntivo. Entre muitos, podemos citar alguns dos verbos mais recorrentes como: *demand, insist, recommend, require, stipulate, concede, determine, ensure, agree, arrange, ask, beg, intend, suggest, prefer, propose, order, promise, warn, request* (BERK, 1999) entre outros. Um detalhe importante de ser mencionado é que a grande maioria desses verbos é de origem francesa (latina) e talvez a persistência do modo subjuntivo ante a esses verbos tenha ocorrido por razões históricas e estilísticas, preservando, não somente os verbos oriundos de outras línguas, mas também o modo subjuntivo que tipicamente acompanha tais verbos. Essa construção, que contém um verbo complementado por objeto direto realizado por *that-clause*, é a que apresenta a maior variedade de ocorrências do subjuntivo e, portanto, a pesquisa está centrada nesse tipo de uso para maior riqueza na análise dos dados empíricos coletados.

Alguns itens foram isolados e analisados separadamente, centrando a análise nas formas subjuntivas realizadas pelo verbo lexical *demand* e introduzidas pelo complementador *that*. A seleção do verbo *demand* se deu pela grande produtividade e ocorrência desse verbo nos textos analisados. Cerca de 40 por cento dos casos do uso do subjuntivo em orações subordinadas se deu com esse verbo, principalmente em reportagens de natureza política. Alguns usos dos verbos que demandam subjuntivo, já apresentados neste artigo, também se destacaram no

número de ocorrências, tais como *require*, *recommend* e *ask*, mas *demand* se mostrou como o mais produtivo na maioria das análises realizadas.

Através do COCA, o verbo *demand* foi testado nas suas diversas formas possíveis, exemplificadas a seguir: *demand/demands/demanded that*. Considerando as diversas conjugações e tempos verbais, a análise se tornou mais ampla trazendo uma variada gama de ocorrências, nas quais o modo subjuntivo se mostrou muito presente, revelando-se como ambiente sintático típico do modo verbal.

A principal função sintática do modo subjuntivo nos exemplos analisados era a de objeto direto, como nos exemplos a seguir:

19. “... and mobbed Tunis, the capital, to demand *that he leave*.” (“...e lotou Tunis, a capital, para exigir que ele parta.”)
20. “Feds demand that BP provide confidential Gulf oil spill data.” (“Federais exigem que BP forneça dados confidenciais do derramamento de óleo no Golfo”)
21. “It demanded that the Syrian government cease using heavy weapons immediately...” (“Exigiu que o governo Sírio cessasse o uso de armas pesadas imediatamente...”)
22. “They demanded that he end his affiliation with their work.” (“Eles exigiram que ele terminasse sua afiliação com o trabalho deles”)

Um outro tipo de ocorrência do subjuntivo encontrado por meio do *corpus*, foi encontrado em construções que envolviam *aspect* na forma *perfect*, formando grupos verbais mais complexos, como nos seguintes exemplos:

23. “Ryanair *has demanded that* a British journalist *hand over* the keys to her London flat.” (“Ryanair exigiu que um jornalista britânico entregasse as chaves do flat dela em Londres”)
24. “In many areas of Swat the Taliban *have demanded that* each family *give up* one son for training as a Taliban fighter.” (“Em muitas áreas do Swat o Talibã exigiu

que cada família desistisse de um filho para que ele seja treinado como um lutador talibã.”)

25. “But Egyptians *have also demanded that* Mubarak's government stop selling natural gas to Israel and expel Israel's ambassador.” (“Mas egípcios também exigiram que o governo do Mubarak parasse de vender gasolina para Israel e expulsasse o embaixador de Israel.”)

Apesar de muitas gramáticas afirmarem que o modo subjuntivo é predominantemente substituído por verbos modais, como de fato ocorre no inglês europeu e no inglês americano, os casos em que um verbo modal foi empregado ao invés do subjuntivo na mídia jornalística americana foram estritamente raros. Um dos pouquíssimos casos localizados (com muita insistência e dificuldade) foi:

26. “That basic shift in perspective, said Biddle, *demands that* the president's advocacy of a larger military *should be* only one part of...” (“Aquela básica mudança de perspectiva, disse Biddle, requer que a idéia do presidente de um maior número de militares deveria ser apenas parte de...”)

Curiosamente, o seguinte exemplo utiliza um verbo modal e um verbo no subjuntivo, mas o efeito gerado por essa combinação traz uma intenção menos mandativa:

27. “But it was very clear that the opposition was not giving up on its demands that Aristide would leave.” (“Mas estava claro que a oposição não estava abrindo mão das exigências de que Aristide deveria sair.”)

Outro caso específico em relação ao modo subjuntivo é como *post-modifier in a noun group* (*pós-modificador em um grupo nominal*). Esses casos, exemplificados abaixo, também se mostraram bastante produtivos, assim como o de objeto direto. Nessa situação, *demand* não é empregado como verbo, mas como um substantivo. Dessa forma, o que vem após é uma estrutura que contém o modo subjuntivo, não como um objeto direto que complementa um verbo transitivo direto, mas uma estrutura modificante que se refere ao substantivo anterior a ela. Seguem alguns exemplos:

28. “The return would put more pressure on Micheletti to negotiate, particularly on the key demand that Zelaya be reinstated to office.” (“O retorno colocaria mais pressão em Micheletti para negociar, particularmente na exigência chave de que Zelaya seja recolocada no posto”).
29. “He says, pointing to American demands that Syria prevent the flow of fighters into Iraq and support Lebanese stability.” (“Ele diz, apontando para as exigências americanas que a Síria pare o fluxo de guerrilheiros para o Iraque e ajude a estabilidade Libanesa”)
30. “Just days before the deadline, Iran responds to U.N. demands that it stop enriching uranium.” (“Poucos dias antes do prazo, o Irã respondeu à exigência das U.N que ele parasse de enriquecer-se de urânio”)

A forma subjuntiva também pode ocorrer dentro de um grupo verbal na voz passiva, especificamente no operador. Um caso serve como exemplo:

31. “After they had had their fill, the Israel Antiquities Authority demanded that it be brought back to Israel so they could have a look.” (“Depois que eles tiveram o bastante, as Autoridades de Antiguidades israelitas exigiram que fosse trazido de volta a Israel para que eles pudessem analisar”)

O modo subjuntivo abordado na presente pesquisa está incluído nas conhecidas *that-clauses* que funcionam como objeto direto. Em muitos casos, o subordinador *that* pode ser omitido sem prejuízo à estrutura gramatical ou semântica da sentença, principalmente após verbos como *say* e *think*. Nesse sentido, as gramáticas afirmam que a omissão da partícula subordinadora *that* ocorre tipicamente na linguagem falada e que a retenção ocorre na linguagem escrita, a qual é cuidadosamente produzida com estruturas elaboradas.

No entanto, a partir da análise de dados através do *corpus*, percebemos que, mesmo na mídia impressa americana (a qual pode ser considerada como formal), a omissão de *that* ocorre em muitos casos, e, muitas vezes, antes do modo subjuntivo. Considere os exemplos, a seguir:

32. “What Don Imus said was despicable, but to demand he be fired for this error in judgment is just as despicable.” (“O que Don Imus disse foi desprezível, mas requerer que ele seja demitido por esse erro em é igualmente desprezível.”)
33. “NFL teams can go to a player having a subpar season and demand he take a pay cut.” (“Os times NFL pode se dirigir a um jogador que não se destacou em uma temporada e requerer redução de salário.”)

CONCLUSÃO

Contrariando o que está descrito em muitas gramáticas de referência (principalmente Berk (1999), Carter; McCarthy (2006) e Palmer (2001)), as quais afirmam que o subjuntivo está enfraquecido e que raramente é empregado nos dias atuais, o resultado da presente pesquisa concluiu exatamente o contrário. Analisando os textos produzidos ao longo de vários anos (o COCA disponibiliza dados de 1990 até 2012, mas os exemplos apresentados nesse artigo referem-se aos mais recentes possíveis), foi possível perceber que o uso do subjuntivo sempre se manteve constante, não havendo uma diminuição a ponto de se tornar raro, como foi afirmado nas gramáticas. O modo verbal, assim, é utilizado com muita frequência em diversos tipos de reportagens publicadas pela mídia americana.

Outra afirmação feita pelos gramáticos e colocada em discussão foi a de que o subjuntivo somente é utilizado em gêneros altamente formais, como por exemplos, artigos acadêmicos ou teses. Sua recorrência em jornais, meios de comunicação não tão formais, demonstra também que ele pode ser familiar a pessoas de todas as classes sociais, e não apenas as consideradas “letradas”.

A afirmação de que o subjuntivo vem sendo substituído pelo indicativo ou por verbos modais também foi questionada e contrariada. Os dados coletados mostram que nas situações em que caberia o modo subjuntivo, no *corpus* pesquisado, ele foi empregado praticamente sem exceção, ou seja, o modo verbal

sempre apareceu em suas situações peculiares, não havendo casos do uso do indicativo ou verbos modais ao invés do subjuntivo.

ABSTRACT

This research aims at discussing concepts and notions related to modality and to the use of the subjunctive form in English. To fulfill this purpose, the paper analyzes empirical data based on real use of written English, particularly related to the occurrence of the subjunctive mood in printed texts of American media. Therefore, this research does not analyze data from the oral English language nor intends to have a diachronic character. Based on data collected through instruments of corpora, a comparison was made between these elements and the descriptions made by grammarians about the use of the subjunctive in English. The results suggest that the subjunctive is extensively used in the texts analyzed, contradicting the unusual character of the verbal form as it is commonly described by grammar reference books.

Keywords: use of English, modality, *realis*, *irrealis*, subjunctive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERK, Lynn. *English Syntax*. New York: Oxford University Press. 1999.

BIBER, Douglas *et al.* *Longman Grammar of Spoken and Written English*. London: Longman. 1999.

CARTER, Ronald; McCARTHY, Michael. *Cambridge Grammar of English*. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.

DOWNING, Angela; LOCKE, Philip. *A University Course in English Grammar*. New York: Routledge. 2006.

GELDEREN, Elly. *A History of the English Language*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2006.

HUDDLESTON, Rodney; PULLUM, Geoffrey. *A Student's Introduction to English Grammar*. New York: Cambridge University Press, 2005.

PALMER, Frank. *Mood and Modality*. New York: Cambridge University Press, 2001.